



Formação Continuada de Professores: uma ênfase cultural

A Educação Física em “Sobre a Pedagogia” - Immanuel Kant

PARTE 2

Cássio Ricardo Fares Riedo

Profa. Dra. Elisabete Monteiro de Aguiar Pereira

Profa. Dra. Joyce Wassem

Esta parte da obra “Sobre a Pedagogia” que se refere à questão da Educação Física, foi dividido em duas partes. A primeira, abordou os temas que se encontram entre as páginas 37 à 58. Trabalharemos agora o conteúdo das páginas 59 à 83 (estas páginas são relativas a obra publicada em 2011, 6ª edição).

Nesta parte Kant inicia informando que, depois de expor sobre o cuidado com a educação física, vai expor o cuidado que se deve ter com a “cultura física do espírito”. Para ele, esta forma de cultura também pode ser denominada de cultura física, uma vez que vê uma forte relação entre a natureza do corpo e a da alma. Para ele, as duas naturezas devem ser cultivadas para impedir que se corrompam. Em suas palavras:

a natureza do corpo e a da alma concordam no seguinte: cultivando-as, deve-se procurar impedir que se corrompam mutuamente e buscar que a arte aporte algo tanto àquele como a esta. Pode-se, portanto, em certo sentido, qualificar de física tanto a formação da alma quanto a do corpo (p. 59).

Kant chama a atenção para a diferença que existe entre a formação física da alma e a formação moral, assinalando que a formação moral se refere ao uso da liberdade e, a formação física da alma se refere à natureza do homem.

Neste texto vamos abordar sobre o que é a cultura física do espírito, que ele também chama de “cultura da alma”. Para Kant ela se divide em: cultura livre e cultura escolástica. Entre elas há uma diferenciação de formação no homem.

A cultura livre é semelhante ao divertimento, onde a criança aprende enquanto brinca e cultura escolástica, resulta da educação, é relativa à escolarização e está vinculada à habilidade.

Nesta diferenciação entre cultura livre e cultura escolástica, Kant diz que a cultura escolástica, que é a resultante da escolarização, deve ser vista pela criança como um “trabalho”. Isto a diferencia da cultura livre que é mais um divertimento.

Kant comenta diferentes planos de educação no sentido de encontrar o melhor método educativo para a cultura escolástica.

O método de deixar que as crianças aprendam tudo por diversão. Kant critica este método por não levar a criança a diferenciar tempo de brincar e tempo de trabalhar. Argumenta que se deve dedicar horários diferentes a estas duas espécies de cultura e que o homem precisa de ocupações sérias com fins determinados. Para ele, a escola é o melhor lugar para aprender as questões relativas a esse “trabalho” e é prejudicial à criança se a acostumamos a considerar tudo um divertimento. Nesse sentido, afirma que a educação é uma ação impositiva, “mas nem por isso escravizante” (p. 62).

O método de aprender as regras pelo seu uso. Kant questiona se “convém começar com o estudo das regras abstratamente, ou devemos aprendê-las após seu uso? Devemos aprendê-las ao mesmo tempo em que o seu uso?” (p. 66-67). Ao questionar se devemos aprendê-las ao mesmo tempo que seu uso, Kant se posiciona que se deve aprender as regras ao mesmo tempo que seu uso.

O método de ordenar as regras por classes e verificar a ordenação entre elas. Nesse sentido, Kant entende que a gramática deve preceder o estudo das línguas.

Voltando agora à cultura livre, aquela do divertimento, Kant assinala que ela progride continuamente e é voltada às potencialidades superiores e que, na educação, todas as potencialidades (superiores e inferiores) devem ser

desenvolvidas de forma relacionadas, isto é, não se deve desenvolver uma potência por si mesma, mas cada uma em relação às outras. Como exemplo, indica que se deve desenvolver a espirotuosidade tendo em vista o entendimento.

Fica claro neste exemplo que, para Kant, a espirotuosidade é uma potencialidade do ser humano, inferior ao entendimento. A espirotuosidade sem o entendimento pode levar o indivíduo apenas a dizer disparates. O entendimento, ao contrário, leva ao conhecimento geral. Outro exemplo é o desenvolvimento da imaginação a serviço da inteligência.

Ainda em relação às potências, Kant diz que a memória é necessária para o discernimento e que o cultivo da memória é importante, mas que ela é potencializada a partir do entendimento. Memorizar é diferente de decorar ou “aprender de cor”. Exemplifica com o caso da aprendizagem de línguas e da geografia. A memória é útil para conhecimentos que precisam ser conservados, isto é, “que têm pertinência com a vida real” (p. 69).

Outra atenção é com a instrução pela qual se deve unir o saber e a capacidade. Vê a matemática como a principal ciência para essa finalidade. Diz ser necessário aprender a distinguir a ciência (conhecimento formal, sistemático) da simples opinião ou da crença (conhecimento assistemático). O entendimento é alcançado por meio de regras, de fórmulas e não mecanicamente. É esse resultado que é transmitido à memória, isto é, é o entendimento que é transmitido à memória.

Entre as potências do entendimento estão a razão e a capacidade de julgar. A capacidade de julgar é necessária para formar o entendimento próprio e para não repetir ideias sem as ter compreendido. Já a razão leva ao conhecimento dos princípios, leva, segundo Kant, à “reflexão a respeito do que acontece segundo suas causas e seus efeitos. Trata-se de uma razão prática” (p. 69-70).

Kant coloca grande valor no poder da educação para a formação moral do homem e para o bem-estar da sociedade. É principalmente nesta obra, “Sobre a Pedagogia”, que ele toma a educação como uma das mais importantes ferramentas para formar moral e eticamente o ser humano, digno de viver em sociedade, respeitando os seus direitos e os direitos dos outros.

Assim, não recomenda aos educadores conseguir a obediência dos educandos utilizando os critérios da recompensa e da punição. Para ele, o uso

destes artifícios provocará a formação de um homem inconstante e sem caráter, que age e pensa de acordo com as circunstâncias e suas recompensas, deixando de agir segundo a sua razão. Isto impede a educação moral, isto é, a educação do agir segundo normas internas que o faz um homem livre.

Argumenta que o homem deve agir segundo sua liberdade, sua moral e ética, para orientar-se de forma adequada no mundo. Kant apresenta nas páginas 67 e 68 uma ideia da finalidade global da educação e do modo de consegui-la:

❖ Cultura *geral* da índole. A que se dirige à habilidade e ao aperfeiçoamento físico e moral, sendo:

a) *cultura física*: - a que se alcança com a prática e a disciplina. É cultura passiva, onde o educando segue orientação externa.

b) *cultura moral*: - é a interiorizada por meio das regras da cultura e não por meio de disciplina ou hábito mecânico, está vinculada ao dever, a uma ordem interna e é exercida por fundamento e visão das consequências da ação.

❖ Cultura *particular* da índole. Kant define esta cultura como sendo as potências do entendimento manifestas pela inteligência, pela imaginação, pela memória, atenção e espirotuosidade. É a cultura dos sentidos, como por exemplo, o sentido da visão.

Apresenta que todas estas capacidades devem ser desenvolvidas de forma ativa, isto é, por meio da ação dos educandos e assim, estas serão fortalecidas. Por exemplo, a memória precisa da atenção, dos sentidos e do entendimento.

De acordo com Kant, uma das atitudes fundamentais na educação das crianças, tanto para pais como para professores, é a de não as tornar tímidas, o que acontece quando lhes são dirigidas palavras injuriosas ou quando são envergonhadas frequentemente.

Argumenta que não se alcança a educação envergonhando-as ou as fazendo se sentirem inferiores aos mais velhos, mas, se as educa quando entendem a razão das atitudes tomadas pelos pais ou professores.

Todo o conteúdo da obra “Sobre a Pedagogia” é o de apresentar o cerne da educação que é, essencialmente, a formação do homem moral. Sendo esta formação a mais essencial, entende-se o porquê da ênfase kantiana em considerar fundamental a cultura moral. Vejamos esta afirmação da página 81. “A

moralidade é algo tão santo e sublime que não se deve rebaixá-la, nem igualá-la à disciplina”.

A cultura moral é obtida por meio dos fundamentos da formação do caráter que, por sua vez, é desenvolvido permitindo às crianças verificar em todas as coisas “um certo plano, certas leis, as quais devem seguir fielmente” (p. 81). Isto as leva a perceber uma lei geral, uma lei necessária, a qual desperta a obediência como um elemento essencial de seu caráter, como prescrição de dever que lhes será útil por toda vida. A prescrição de dever equivale a obedecer a razão.

Um outro traço essencial do caráter é a veracidade. Este traço é tão essencial para Kant como se verifica pela afirmação: “Uma pessoa que mente, não tem caráter” (p. 86).

O traço seguinte da formação do caráter apontado por Kant, é a sociabilidade. Os professores devem cuidar para que todas as crianças se sintam acolhidas da mesma forma, para não gerar ciúmes, sentimento contrário à amizade. Para ele, a criança não deve viver isolada, ao contrário, deve manter relações de amizade, que é “o mais doce de todos os prazeres da vida” (p. 87).

Ainda em relação à formação do caráter, Kant chama a atenção para a questão da punição e de quando ela pode ser aplicada. A punição só deve ser utilizada quando houver transgressão de uma ordem. A punição pode ser física ou moral.

A punição moral é a que leva a criança a refletir sobre sua atitude, a que a faz entender não ser adequado aquele tipo de procedimento. A que a leva a não querer repeti-lo. A punição física é a relativa a castigos físicos, nem sempre acompanhados de reflexão. Estes devem ser usados com precaução para que não gerem atitudes servis. Kant afirma que “de nada valem os castigos aplicados com raiva” (p. 85), pois é preciso que as crianças percebam a finalidade do dever cuja transgressão acarreta a punição.

Como uma última observação a respeito da educação, Kant argumenta que a instrução deve ser adaptada à idade da criança e que não se deve esperar ou induzi-la a fazer coisas que não lhe sejam próprias em suas idades.